

Fortificações islâmicas em taipa militar

É a sul do território português, no Alentejo e no Algarve, que se encontram algumas das mais bem conservadas fortificações islâmicas, em taipa⁽¹⁾.

Em geral, partes da muralha islâmica, de torres ou da fortificação em taipa militar localizavam-se em núcleos urbanos, em comunidades rurais e em pontos estratégicos, de forma a proteger a costa ou as vias naturais de penetração no interior do território. Ou seja, perto de importantes rios navegáveis – Tejo (Lisboa), Sado (Alcácer do Sal), Guadiana (nomeadamente, Moura, Juromenha) – no litoral Algarvio – como Silves e Noudar –, ou nos eixos de acesso ao litoral – Paderne e Salir.


Muitas destas fortificações apresentavam-se com mais de 800 anos de

período histórico seguinte, Reinos de Taifas (séc. XI), devido à instabilidade política, reforçam-se apenas as estruturas defensivas já existentes. Mas é durante os períodos Almorávida e Almóada (séc. XII e XIII) que se generaliza o uso da taipa militar e se utiliza um traçado de cerca mais ondulante, adaptado às características naturais do terreno, como é o caso da muralha de Alcácer do Sal. A valorização dada às torres albarrãs⁽²⁾, como elemento defensivo, também é deste período.

No respeitante à técnica construtiva da taipa militar – e comparando com a taipa tradicional –, utilizavam-se diferentes tipos de enchimento, o que implicava maior durabilidade e resistência. Esta última característica levou mesmo a que o Município de Alcácer do Sal, durante os anos 40, dinamitasse uma parte da sua muralha em taipa militar para ter matéria construtiva para venda⁽³⁾.

Deste modo, a taipa militar apresenta-se com uma composição mais complexa (cal aérea, *pozzolanas* naturais, agregados), sendo, consequentemente, mais utilizada em estruturas defensivas. Por haver variantes na sua constituição, dependendo dos materiais disponíveis em cada lugar, do local de edificação e das técnicas construtivas próprias de cada período histórico, as fortificações em taipa militar que chegaram à actualidade apresentam características construtivas distintas, assim como diferentes estados de conservação. A boa conservação de partes da muralha de

Paderne ainda permite identificar falsas juntas pintadas a cal, o que dava a sugestão de silharia aparelhada, de forma a iludir possíveis atacantes.

Estimular a reflexão sobre diferentes estratégias e níveis de intervenção na conservação e recuperação da arquitectura em terra contribui para uma maior qualidade e integridade da intervenção arquitectónica, em particular neste património em risco. 

Notas:

⁽¹⁾ Do árabe *tabíya*. Técnica construtiva tradicional realizada entre taipais e que consiste na compressão de terra e agregados, com a ajuda de um maço ou pilão.

⁽²⁾ Do árabe *barrâni* (exterior). Torre desligada da muralha e unida a esta por meio de um passadiço ou pano de muralha. Bem identificáveis nas muralhas de Silves.

⁽³⁾ Ainda hoje se pode observar nas paredes de muitas das edificações em alvenaria pedaços de taipa militar do Castelo de Alcácer do Sal, nomeadamente nas Casas dos Romeiros (recuperação realizada pela autora).

Bibliografia:

Comunicações da Terra 93: 7ª Conferência Internacional sobre o Estudo e Conservação da Arquitectura de Terra, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Silves, 1993.

Noventa Séculos entre a Serra e o Mar, Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 1997.

Portugal Islâmico. Os Últimos Sinais do Mediterrâneo, Catálogo da Exposição, Museu Nacional da Arqueologia e Instituto Português de Museus, Lisboa, 1998.



Castelo de Silves – As torres albarrãs em taipa militar destacam-se do pano da muralha

história, visto a presença islâmica, no actual território português, ter-se iniciado na época Omíada (séc. VIII ao séc. X). Durante este período, constroem-se as primeiras fortificações em taipa, com planta regular e torres maciças adossadas às muralhas: caso do Castelo Velho de Alcoutim. No

MARIANA CORREIA,
Arquiteta, Docente na Escola Superior
Gallaecia, Doutoranda em Oxford Brooks
University (Inglaterra)